

ALEXANDRE E OUTROS HERÓIS: OS NARRADORES NA PERSPECTIVA DAS TEORIAS DE GENETTE

ALEXANDRE AND OTHERS HEROES: THE NARRATORS IN THE PERSPECTIVE OF GENETTE'S THEORIES

Recebido: 15/05/2022

Aprovado: 30/06/2022

Publicado: 28/07/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i1.2803

Wanderson de Freitas dos Santos¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5816-2489>

RESUMO: O presente estudo propõe analisar os narradores de *Alexandre e outros heróis* (1962), do escritor Graciliano Ramos, com base nas teorias de Gérard Genette (1995, 2015, 2017), e discutir as possíveis relações entre a voz do narrador em terceira pessoa e do narrador em primeira pessoa. Sendo um artigo de natureza analítico bibliográfica, conta com o respaldo de estudiosos como Azevedo (2014), Reis e Lopes (1988), Gancho (2002), Osman Lins (1981) e Mourão (2020). A partir disso, observou-se que o papel do narrador extradiegético é apresentar os personagens Alexandre, Cesária e seus vizinhos, enquanto ao narrador intradiegético compete a função de contar as próprias histórias e apresentar os personagens da trama em primeira pessoa. Assim, considera-se que a narrativa de Alexandre está subordinada à voz do narrador em terceira pessoa, mas os narradores apresentam suas particularidades e desempenham diferentes funções.

Palavras-chave: Alexandre e outros heróis; Graciliano Ramos; narradores.

ABSTRACT: This study proposes to analyze the narrators of *Alexandre and others heroes* (1962), by the writer Graciliano Ramos, based on the theories of Gérard Genette (1995, 2015, 2017), and to discuss the possible relationships between the narrator's voice in third-person and first-person narrator. Being a bibliographical analytical article has the support of scholars such as Azevedo (2014), Reis and Lopes (1988), Gancho (2002), Osman Lins (1981) and Mourão (2020). From this it was observed that the role of the extradiegetic narrator is to present the characters Alexandre, Cesária and their neighbors, but the intradiegetic narrator is responsible for telling their own stories and presenting the characters in the plot in first person. Thus, it is considered that Alexandre's narrative is subordinated to the narrator's voice in the third person, but the narrators present their particularities and perform different functions.

Keywords: Alexandre and others heroes; Graciliano Ramos; narrators.

Considerações iniciais

Graciliano Ramos (1892-1953) é considerado por muitos críticos um dos maiores escritores da Literatura Brasileira. É notável a ampla fortuna crítica sobre as criações literárias desse escritor nordestino. Obras como *S. Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938) têm sido objetos de estudo de um número indefinido de livros e pesquisas científicas.

¹ Graduado em Letras - Literatura, especialista em Metodologia do Ensino da Língua portuguesa, especialista em Gestão e Supervisão escolar e mestrando em Letras, orientado pelo Professor Dr. Fábio José Santos de Oliveira (UFMA). E-mail: freitaswanderson@outlook.com

Entre as produções menos destacadas de Graciliano Ramos está o livro *Alexandre e outros heróis* (1962), uma obra composta de quinze contos em que são narradas as histórias do velho Alexandre. Foi publicada inicialmente em 1944 sob o título de *Histórias de Alexandre* e, posteriormente, republicada com o título atual, reunindo num mesmo volume os contos “A terra dos meninos pelados”, de 1937, e “Pequena história da República”, escrito em 1939.

Apesar de não receber muita atenção da crítica especializada – Antônio Candido, em seu célebre ensaio *Ficção e Confissão* (2012), sequer faz menção a essa obra –, *Alexandre e outros heróis* apresenta em sua estrutura um elemento incomum nas criações de Ramos: o livro de contos é iniciado por uma espécie de prefácio, intitulado “Apresentação de Alexandre e Cesária”, no qual o narrador em terceira pessoa apresenta o casal de protagonistas.

Após essa apresentação, o primeiro conto é iniciado e, além da presença de um narrador implícito, o personagem Alexandre também passa a narrar as suas histórias. Assim, tem-se uma narrativa no interior da narrativa geral. Desse modo, entende-se que seja pertinente investigar esses elementos ainda pouco estudados nessa produção de Graciliano Ramos.

A partir da leitura da obra aqui analisada, são identificadas as vozes de dois narradores, sendo uma em terceira pessoa e outra em primeira pessoa representada pelo personagem Alexandre. Isto posto, o presente artigo tem por objetivo desenvolver um estudo sobre os narradores da obra *Alexandre e outros heróis*, com base nas teorias de Gérard Genette (1995, 2015, 2017) no campo da narratologia, bem como discutir as possíveis relações entre as vozes dos narradores em terceira e primeira pessoa.

Para a construção deste estudo analítico, além de se utilizar como base teórica as ideias de Genette, será desenvolvida uma pesquisa fundamentada em estudiosos como Azevedo (2014), Reis e Lopes (1988), Gancho (2002), Osman Lins (1981) e Mourão (2020).

Narrador e nível narrativo

Em certas produções verifica-se um desdobramento de instâncias narrativas pela ocorrência de mais de um ato narrativo, enunciados por narradores colocados em níveis distintos (REIS; LOPES, 1988), ou seja, dentro de uma narrativa pode surgir,

de forma autorizada ou não pelo narrador da primeira história, a voz de outro narrador contando uma história dentro da primeira. Em *Alexandre e outros heróis* essa ocorrência é percebida, pois há a presença tanto de um narrador invisível em terceira pessoa quanto a voz de Alexandre em primeira pessoa, construindo uma segunda narrativa no interior da narrativa geral.

É nesse sentido que, segundo Genette (2017), uma narrativa pode apresentar diferentes níveis: O nível *diegético*, que seria o nível principal, a narrativa geral; e o nível *metadieético*, uma espécie de segundo nível. O autor define essa diferença afirmando que todo acontecimento contado por uma narrativa está num nível superior àquele em que se situa o ato narrativo que produz essa narrativa, ou seja, os acontecimentos da primeira narrativa são qualificados como diegéticos ou intradieéticos e a narrativa no segundo nível é chamada de metadieética.

O prefixo “meta-” conota aqui evidentemente, como em “metalinguagem”, a passagem para o segundo grau: a *metanarrativa* é uma narrativa dentro da narrativa, a *metadieese* é o universo dessa narrativa segunda como a *dieese* designa (segundo um uso agora difundido) o universo da narrativa primeira. (GENETTE, 2017, p. 306)

Para Genette (2017), a classificação do narrador dependerá do nível narrativo em que está narrando e da relação do narrador com a história contada, indo além da simples classificação que considera apenas a utilização de verbos conjugados com pronomes em primeira ou terceira pessoa.

Se definir, em qualquer narrativa, o estudo do narrador ao mesmo tempo pelo seu nível narrativo (extra – ou intradieético) e pela sua relação à história (*hetero* – ou *homodieético*), pode se figurar por um quadro de dupla entrada os quatro tipos fundamentais de estatuto do narrador: 1) *extradieético* – *heterodieético*, paradigma: Homero, narrador do primeiro nível que conta uma história da qual está ausente; 2) *extradieético* – *homodieético*, paradigma: Gil Blas, narrador do primeiro nível que conta a sua própria história; 3) *intradieético* – *heterodieético*, paradigma: Xerazade, narradora do segundo grau que conta histórias das quais está geralmente ausente; *intradieético* – *homodieético*, paradigma: Ulisses nos cantos IX a XII, narrador do segundo grau que conta a sua própria história. (GENETTE, 1995, p. 247)

Considerando as afirmações do teórico acerca dos graus da narrativa e da voz do narrador em cada nível, entende-se que o narrador *extradieético* narra a história no primeiro nível da narrativa, no campo *dieético*, sendo *extradieético-heterodieético* quando narra a história de outro personagem e *extradieético-*

homodiegético quando narra a própria história. A voz do narrador *diegético* narra no segundo nível, ou nível *metadiegético*, o mesmo denominado por Reis e Lopes (1988, p. 128) de *hipodiegético*, e quando narra a história de outrem recebe a classificação de *intradiegético-heterodiegético*, e se conta a própria história, é considerado *intradiegético-homodiegético*.

Desse modo, o narrador em terceira pessoa que faz a apresentação no início da obra *Alexandre e outros heróis* pode ser classificado como *extradiegético-heterodiegético*, pois sua voz está numa posição externa aos acontecimentos no campo extradiegético e narra uma história de *nível diegético*, no qual não é personagem, enquanto Alexandre é um narrador *intradiegético-homodiegético*.

O narrador extradiegético

Um narrador onisciente em terceira pessoa inicia a narrativa apresentando os personagens Alexandre: “No sertão do Nordeste vivia antigamente um homem cheio de conversas [...] chamado Alexandre”. (RAMOS, 2020, p. 9). O narrador estabelece uma distância temporal entre o momento que faz a apresentação e as histórias dos próximos contos, afirmando que Alexandre “vivia antigamente”, passando a falsa impressão de que as páginas dessa apresentação estão separadas das histórias do velho Alexandre.

É possível pensar na possibilidade dessa apresentação ser uma participação da voz autoral na narrativa ficcional, pois à primeira vista deduz-se que um prefácio é que estaria à disposição do leitor. Porém, Rui Mourão (2020) afirma que essa parte do livro está integrada de maneira indissolúvel às outras partes da obra, o que a configura como o primeiro capítulo. Já Gancho (2002) aconselha evitar referir-se ao autor para explicar característica do narrador, pois narrador não é o autor, mas uma entidade de ficção só existindo no texto.

O uso do verbo “viver” no pretérito em “vivia antigamente”, como forma de se distanciar temporalmente do momento que ocorreram as histórias que serão narradas, pode ser compreendido como uma tentativa do narrador do primeiro capítulo de se eximir daquilo que será dito. Para Mourão (2020), o leitor recebe uma informação inverídica desde a mensagem que há numa parte separada dos capítulos, anunciando que o conteúdo que será lido é um conjunto de histórias não originais que circulavam oralmente no Nordeste.

Para mim, essa confissão de não autoria é tão falsa como aquelas dos fingidos descobridores de narrativas dos romances ancestrais, em que para lá do desejo de sustentar uma pose, o que interessava era insinuar a estrutura de uma época. (MOURÃO, 2020, p. 199)

Portanto, compreende-se que a voz que apresenta Alexandre e Cesária no primeiro capítulo a voz do mesmo narrador onisciente que inicia a narrativa no capítulo “Primeira aventura de Alexandre” e também está presente nos outros capítulos.

A voz em terceira pessoa que narra essa parte inicial da obra apresenta detalhes que não constam nos contos seguintes: “Alexandre, como já vimos, tinha um olho torto. [...] A princípio esse olho torto lhe causava muito desgosto e não gostava que falassem nele”. (RAMOS, 2020, p. 10-11). A afirmação de que Alexandre era descontente com o olho torto e que lhe causava incômodo se falassem sobre sua condição física é uma informação de um tempo anterior às histórias que são postas disponíveis ao leitor e que apenas o narrador onisciente tem acesso, pois nos próximos contos não existem indícios de que Alexandre se sintia incomodado com o olho torto.

O narrador autor onisciente conta ao narratário que a história do espinho foi surgindo a partir da necessidade de Alexandre explicar a condição física, talvez como possibilidade de se livrar das perguntas e comentários sobre o olho, pois como já discutido, o próprio narrador afirma que o personagem se sentia desconfortável com conversas sobre o assunto.

É importante notar que o narrador faz questão de apresentar uma tentativa de Alexandre de usar o discurso da esposa Cesária para atribuir autoridade à sua fala de que tem uma melhor visão com o olho torto:

Consultou a mulher:

— Não é, Cesária? Cesária **achou** que era assim mesmo. [...] Alexandre ficou satisfeito e começou a referir-se ao olho enviesado com orgulho. O defeito desapareceu e a história do espinho foi nascendo, como tinham nascido todas as histórias dele, com a colaboração de Cesária. (RAMOS, 2020, p. 11)

Alexandre busca confirmar o que acredita com a aprovação da mulher. No entanto, a voz narrativa não permite a fala direta de Cesária. O narrador poderia utilizar os verbos “afirmar”, “concordar” ou outras palavras que indicassem a confirmação ou negação de Cesária em relação à pergunta de Alexandre, mas ao

contrário, usa a forma verbal “achou”, deixando subentendido a não certeza de que a fala de Alexandre era verdadeira.

Nota-se que o narrador onisciente permite a Alexandre o direito ao discurso direto por um breve momento, coincidentemente apenas quando o personagem precisa de que outra figura dê validade àquilo que ele tenta comprovar, e suprime essa liberdade no momento exato da comprovação, utilizando do discurso indireto para reproduzir a fala de Cesária. Em momento algum Cesária afirma que não tem certeza ou diz que Alexandre está errado, o que estão presentes são falas de um narrador que manipula a narrativa à sua maneira.

Mesmo após afirmar que Alexandre se sentia orgulhoso ao perceber que enxergava melhor com o olho torto, o narrador utiliza a palavra “enviesado” para se referir ao olho de Alexandre. Ao reafirmar a deformidade do olho de Alexandre deixando claro que era “enviesado” mesmo após um estado de autoaceitação e superação do personagem, o narrador apresenta um defeito não apenas estético, mas na funcionalidade do olho de Alexandre. Dessa forma, é posto em dúvida se realmente Alexandre tinha uma visão melhor com esse olho ou se era uma tentativa de conformação com a condição física considerada irreversível pelo personagem.

Inicialmente, o narrador põe em dúvida a afirmação de Alexandre sobre a capacidade visual do olho torto e tira a autoridade do discurso de Cesária. Depois, fala que todas as histórias de Alexandre, assim como a história do espinho que perfurou o olho do personagem, surgiram com a colaboração da mulher, como se objetivasse de várias formas invalidar as histórias do personagem. Após provocar essas dúvidas, o narrador deixa claro que a autoria das histórias pertence a Alexandre, como se tivesse a intenção de se eximir do que será dito ou tentar tornar dúbia não apenas a veracidade das histórias, mas o caráter das palavras de Alexandre. Dessa forma, podemos inferir que previamente o narrador põe em descrédito as histórias que ainda serão narradas.

Alexandre, o narrador intradieético

O narrador extradiegético inicia o conto “A primeira aventura de Alexandre” apresentando algumas informações sobre o local onde se passa a história e os personagens até então desconhecidos pelo leitor. Após essa introdução surge a voz

de Alexandre iniciando sua primeira narrativa, assim, o narrador extradiegético cede espaço à voz desse novo narrador.

–Vou contar aos senhores... principiou Alexandre amarrando o cigarro de palha.
Os amigos abriram os ouvidos e Das Dores interrompeu o cochicho:
– Conte, meu padrinho.
Alexandre acendeu o cigarro ao candeeiro de folha, escanchou-se na rede e perguntou:
– Os senhores já sabem por que é que eu tenho um olho torto? (RAMOS, 2020, p. 13-14)

Observa-se que Alexandre utiliza como artifício para chamar o seu público exatamente o elemento que, segundo o narrador extradiegético, já havia sido motivo de desgosto para o personagem. Alexandre é um narrador inteligente ao utilizar essa pergunta de forma direta, sem citar nomes específicos e utilizando um pronome de tratamento, pois além de suscitar curiosidade, consegue atrair a atenção do narratário de nível diegético.

Segundo a teoria genettiana, Alexandre pode ser classificado como narrador intradiegético-homodiegético, considerando as características do seu ato narrativo. Inicia uma narrativa de nível metadiegético/ hipodiegético, ou seja, uma história dentro da primeira narrativa e relata acontecimentos protagonizados por ele. Além disso, Genette sugere duas qualificações para o narrador homodiegético:

Haverá, pois, pelo menos, que distinguir no interior do tipo homodiegético duas variedades: Uma que o narrador é o herói da sua narrativa, e outra em que não desempenha senão um papel de secundário, que acontece ser, por assim dizer sempre, um papel de observador e de testemunha [...]. Reservaremos o para a primeira variedade (o que representa de alguma maneira o grau forte do homodiegético) o termo, que se impõe, de *autodiegético*. (GENETTE, 1995. p. 244)

Genette estabelece que o narrador *homodiegético* pode ser apenas testemunha dos fatos e narrá-los em primeira pessoa ou desempenhar o papel de protagonista. Nesse segundo caso, o teórico classifica como *autodiegético*. Dessa forma, de acordo com formulações teóricas de Genette, entende-se que Alexandre é um narrador *autodiegético*.

No capítulo de *Apresentação*, o narrador extradiegético faz a apresentação, mas aqui esse narrador não conta as histórias indicadas nos títulos, é o personagem

Alexandre, narrador *autodiegético*, que o faz. Sobre essa nova posição do narrador extradiegético, Azevedo afirma:

Na maior parte do livro, o narrador extradiegético pouco participa das narrativas, ficando praticamente quase a integridade dos contos por conta da fala de Seu Alexandre, segundo narrador, e, em muito menor parte, e, dependendo de sua anuência, ou necessidade, havia também a interferência de Dona Cesária. O narrador extradiegético, logo depois de apresentar o casal, sai de cena e deixa o palco para Alexandre, que fica com todo o foco. (2014, p. 120)

A história de que quando adolescente foi em busca de uma égua da fazenda que estava desaparecida é um relato introdutório para chegar no ponto que Alexandre queria: contar a história do seu olho torto. Por isso, após contar sobre como ficou cego temporariamente de um olho, Alexandre não fala mais nenhuma informação sobre o animal que a princípio estava procurando nem os personagens que o ouvem questionam a respeito.

Passei o cabresto no focinho da bicha e, os calcanhares presos nos vazios, deitei-me, grudei-me com ela, mas antes levei muita pancada de galho e muito arranhão de espinho rasga-beiço. Fui cair numa touceira cheia de espetos, um deles esfolou-me a cara, e nem senti a ferida. [...] Não sabia a natureza do estrago, mas pareceu-me que devia estar com a roupa em tiras e o rosto lanhado. (RAMOS, 2020, p. 17)

Alexandre contou aos visitantes que havia montado uma onça depois de confundi-la com uma égua e que foi ferido em um espinheiro enquanto estava tentando domar o animal selvagem. Após ouvir a história, o cego Firmino demonstrou-se cético com essas declarações, alegando que nas últimas vezes que Seu Alexandre havia contado esse episódio, o espinheiro não era um elemento presente na narrativa: “– Então, como o dono da casa manda, lá vai tempo. Essa história da onça era diferente a semana passada. Seu Alexandre já montou na onça três vezes, e no princípio não falou no espinheiro” (RAMOS, 2020, p.22), e isso faz o personagem narrador dessas proezas se sentir ofendido.

Alexandre, magoado com a objeção do negro, declarou aos amigos que ia calar-se. Detestava exageros, só dizia o que se tinha passado, mas como na sala havia quem duvidasse dele, metia a viola no saco. Mestre Gaudêncio curandeiro e Seu Libório cantador procuraram com bons modos resolver a questão, juraram que a palavra de Seu Alexandre era uma escritura, e o cego preto Firmino desculpou-se [...]. (RAMOS, 2020, p. 23)

Nesse trecho da obra de Graciliano, o narrador extradiegético interrompe a fala do personagem e se utiliza do discurso indireto para expressar os sentimentos de Alexandre. É intrigante o fato desse narrador ter interrompido as falas em discurso direto e ter declarado com suas palavras que Alexandre detestava exageros. Por isso, questiona-se qual seria o real motivo dessa interrupção. Seria apenas um recurso estilístico utilizado para proporcionar mais fluidez à narrativa ou seria mais uma tentativa do narrador extradiegético de controlar o discurso de Alexandre?

Como disse Cristóvão (1977, p. 16), “toda a narração decorre assim sob o signo da terceira pessoa do narrador principal. Todos os outros pontos de vista estão sujeitos ao seu poder e onisciência”, inclusive o ponto de vista de Alexandre, narrador intradieético. Osman Lins (1987) também afirma que por trás de Alexandre há a figura do narrador extradiegético sempre presente, organizando as histórias e decidindo sobre a ordem em que devem surgir.

Diferente de Cristóvão, Osman Lins, no texto *O mundo recursado, o mundo aceito e o mundo enfrentado* (1981), ao comparar o protagonista de *A Terra dos meninos pelados* (1937), de Graciliano Ramos, e o personagem Alexandre, afirma que enquanto Alexandre é responsável pelas narrativas de que seria o protagonista, o Menino Pelado é apenas um personagem controlado pelo narrador invisível. Assim, o crítico acredita que Alexandre é responsável por aquilo que narra e não apenas um personagem controlado pelo narrador extradiegético, narrando suas histórias de forma autônoma sem necessitar da voz do outro narrador.

O narrador do primeiro capítulo da obra já demonstra não dar muito crédito às falas de Alexandre ao considerar as histórias como “fanhosas” e ao dizer que Alexandre falava cuspidando as pessoas e “espumando como um sapo-cururu”, como se indicasse defeitos no processo de comunicação do personagem. Afirma, também, que de forma combinada, Alexandre e Cesária criavam histórias que pareciam verdadeiras.

É possível, portanto, que o narrador extradiegético tenha sido irônico ao fazer a afirmação que o personagem não gostava de exageros. Cabe observar que em mais duas situações será dito a mesma informação sobre Alexandre, porém será usado o discurso direto e é o próprio narrador intradieético que fala:

- Não é verdade, seu Firmino, retorquiu Alexandre enfadado. Quem já viu papagaio de conto de réis? Esse que os amigos conhecem custou seiscentos e vinte e cinco mil e trezentos e saiu caro. Detesto exageros. Guardo as

minhas conversas na memória, tudo direito. E se comprei o papagaio por seiscentos e vinte e cinco mil e trezentos, por que haveria de aumentar o preço dele? Responda, seu Firmino. (RAMOS, 2020, p. 67)

Nessa passagem, o personagem Alexandre reafirma o que já havia contado, mas, dessa vez, o discurso está em primeira pessoa. No trecho transcrito a seguir, Alexandre conta que algumas de suas histórias foram divulgadas por uma terceira pessoa, tornando-se ainda mais conhecidas; no entanto, o personagem mostra-se incomodado pelos detalhes acrescentados nas histórias. Então, surge novamente a declaração do personagem afirmando que não gosta de exageros:

A história da onça, a do bode, o estribo de prata, este olho torto, que ficou muitas horas espetado num espinho, roído pelas formigas, circulam como dinheiro de cobre, tudo exagerado. É o que me aborrece, *não gosto de exageros*. Quero que digam só o que eu fiz. (RAMOS, 2020, p. 79)

Sabendo que em narrativas posteriores, como em “História de uma bota” e “Uma canoa Furada”, Alexandre tentaria adicionar confiabilidade à sua narrativa afirmando que não gosta de acrescentar detalhes exagerados, o narrador extradiegético utilizando sua capacidade de onisciência pode ter optado por ironizar essa informação sobre Alexandre, a fim de sugerir que o discurso de Alexandre como narrador apresenta incongruências.

Excetuando o capítulo de apresentação, restam catorze capítulos e metade são iniciados diretamente com a voz de Alexandre. Nos contos “O olho torto de Alexandre”, “História de um bode”, “O estribo de prata”, “Um missionário”, “História de uma guariba”, “A espingarda de Alexandre” e “Moqueca”, o narrador extradiegético não inicia comentando sobre o ambiente em que se passa a narrativa e também não há nenhuma indicação de quem irá se pronunciar, mas o que se tem é o narrador intradieético iniciando a narrativa de forma autônoma.

Considerações Finais

Mesmo com vários estudos sobre as obras de Graciliano Ramos, sua participação na Literatura Brasileira é um campo de pesquisa muito vasto. Compreender os detalhes, nuances e diferenças entre os narradores de uma obra como *Alexandre e outros heróis* não é tarefa fácil, certamente há várias questões que merecem ser pesquisadas. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo analisar os narradores presentes nessa obra de Graciliano Ramos, com base nas teorias de

Gérard Genette, e discutir as possíveis relações entre as vozes dos narradores extradiegético e intradieético/autodieético.

Observou-se, portanto, que o papel do narrador extradiegético vai além de apresentar os personagens Alexandre, Cesária, Das Dores, mestre Gaudêncio, Libório e o cego Firmino. Enquanto isso, ao personagem Alexandre como narrador intradieético/autodieético compete a função de contar as próprias histórias e apresentar os personagens considerados importantes para a composição da trama em primeira pessoa. Desse modo, não precisaria dos personagens mestre Gaudêncio, Libório, Das Dores e o cego Firmino para contar suas aventuras, pois poderia direcionar suas histórias a um narratário implícito sem grande prejuízo à sua função de narrador.

Entretanto, apesar da narrativa de segundo nível desenvolvida por Alexandre, a voz do narrador extradiegético permanece presente direcionando o que será dito, antecipando o que Alexandre irá dizer, e muitas vezes limitando a capacidade narrativa do narrador intradieético. Desse modo, compreende-se que existe uma relação de dependência da narrativa em primeira pessoa em relação à voz no narrador extradiegético. Não cabe a este trabalho afirmar se a voz do narrador extradiegético é de todo indispensável, pois apesar dessa relação de dependência, cada narrador apresenta suas particularidades e desempenham muito bem suas diferentes funções na obra.

Referencias

AZEVEDO, Carlos Benites de. *Vozes e saberes da cultura popular em Histórias de Alexandre, de Graciliano Ramos: do imaginário do contador à recepção de seus ouvintes*. 2014. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: Ensaio sobre Graciliano Ramos*. 4.ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Brasília/Rio, 1977.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2002.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. Trad. Fernando Cabral Martins, sob orientação de Maria Alzira Seixo. Lisboa: Vega, 1995.

GENETTE, Gérard. *Figuras II*. Trad. Nícia Adan Bonatti. São Paulo: Estação da Liberdade, 2015.

GENETTE, Gérard. *Figuras III*. Trad. Ana Alencar. São Paulo: Estação da Liberdade, 2017.

LINS, Osman. O mundo recursado, o mundo aceito e o mundo enfrentado. In: RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 20ª ed. Rio, São Paulo: Record, 1981.

MOURÃO. Rui. Procura de caminho. In: RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 64. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

RAMOS, Graciliano. *Alexandre e outros heróis*. 64. ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. *Dicionário de teoria da narrativa*. Ática, 1988.